

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda. (edição brasileira), 1999

A dama de espadas: prosa e poemas (prosa) © Boris Schnaiderman, 1999

A dama de espadas: prosa e poemas (poemas)

© Nelson Ascher e Boris Schnaiderman, 1999

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTE LIVRO É ILEGAL, E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Imagem da capa:

Desenhos a bico-de-pena de Aleksandr Púchkin (1799-1837)
aquarelados por Cynthia Cruttenden

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:

Alexandre Barbosa de Souza

1ª Edição - 1999, 2ª Edição - 2006 (1ª Reimpressão - 2008)

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Púchkin, Aleksandr, 1799-1837
P977d A dama de espadas: prosa e poemas / Aleksandr
Púchkin; tradução de Boris Schnaiderman e Nelson
Ascher — São Paulo: Ed. 34, 1999.
264 p.

ISBN 85-7326-133-1

1. Ficção russa. 2. Poesia russa. I. Schnaiderman,
Boris. II. Ascher, Nelson. III. Título. IV. Série.

CDD - 891.78

O TIRO

E atiramos um no outro.

Baratínski¹

Jurei abatê-lo segundo as leis do duelo (ele ainda me deve esse tiro).

Noite no bivaque²

I

Estacionávamos no lugarejo de... É sabido o modo de vida de um oficial de linha. De manhã, instrução geral, equitação; janta-se em casa do comandante do regimento ou na taverna do judeu; de noite, ponche e cartas. Em... não havia uma casa em que se recebessem oficiais, ou sequer uma moça casadoura — reuníamo-nos em casa um do outro, onde não víamos nada além dos nossos próprios uniformes.

Um único civil pertencia ao nosso grupo. Tinha perto de trinta e cinco anos e, por isso, nós o considerávamos um velho. A experiência da vida proporcionava-lhe muitas vantagens sobre nós outros; e além disso, o seu habitual ar carrancudo, o gênio difícil e a linguagem violenta exerciam forte influência sobre os nossos jovens espíritos. Algo de misterioso cercava o seu destino; parecia russo, mas usava nome estrangeiro. Servira outrora como hussardo, e até com êxito; ninguém sabia o que o obrigara a reformar-se e vir residir no lugarejo pobre, onde vivia ao mesmo tempo modestamente e com dissipação; andava invariavelmente a pé e usava uma sobrecasaca negra, puída, mas tinha sempre a mesa posta para todos os oficiais do nosso regimento. É verdade que o jan-

¹ E. A. Baratínski (1800-1844).

² Novela de A. Biestujev (1797-1837).

tar consistia em dois ou três pratos, preparados por um ex-soldado, mas, ao mesmo tempo, o champanhe se vertia a jorros. Ninguém conhecia as suas posses ou rendimentos, e ninguém se atrevia a perguntar-lhe isto. Tinha livros, na maioria sobre temas de guerra e romances. Emprestava-os de bom grado, sem jamais os pedir de volta; em compensação, nunca devolvia ao dono um livro tomado de empréstimo. O seu principal exercício consistia em tiro de pistola. As paredes do seu quarto estavam crivadas de balas, cobertas de furos como favos de mel. Uma preciosa coleção de pistolas constituía o único luxo da pobre casinha de taipa que habitava. Era incrível a perfeição que atingira, e se ele se tivesse proposto derubar com um tiro uma pêra colocada sobre o quepe de qualquer de nós, ninguém do nosso regimento trepidaria em oferecer a cabeça para tal demonstração. Frequentemente se falava de duelos; Sílvio (vou chamá-lo assim) nunca se intrometia na conversa. Quando alguém lhe perguntava se tomara parte em algum encontro, respondia secamente que sim, mas não entrava em pormenores, e era evidente que tais perguntas lhe eram desagradáveis. Supúnhamos que lhe pesasse na consciência alguma vítima infeliz da sua terrível arte. Aliás, não nos ocorria sequer suspeitar nele algo semelhante a temor. Há pessoas cujo simples aspecto afasta suspeitas dessa ordem. Uma ocorrência casual deixou-nos, porém, a todos estupefatos.

De uma feita, jantávamos uns dez oficiais, em casa de Sílvio. Bebíamos como de costume, isto é, muitíssimo; depois do jantar, começamos a pedir-lhe que bancasse numa partida. Ficou muito tempo se recusando, pois não jogava quase nunca; finalmente, mandou trazer o baralho, espalhou sobre a mesa meio cento de *tchervôntzi*³ e sentou-se para bancar. Rodeamo-lo e o jogo começou. Sílvio tinha o hábito de man-

³ De *tchervônietz*, moeda de dez rublos.

ter absoluto silêncio durante as partidas, nunca discutia nem se explicava. Se acontecia a um jogador enganar-se na conta, ele imediatamente pagava o excesso ou anotava a diferença a favor de si mesmo. Já conhecíamos este seu costume, e não o impedíamos de agir à sua maneira; mas estava conosco um oficial transferido recentemente para a unidade. Jogando distraidamente, este declarou um ponto a mais para o oponente. Sílvia apanhou o giz e alterou a conta, como de costume. Pensando que o dono da casa se tivesse enganado, o oficial lançou-se em explicações. Sílvia continuou a dar cartas em silêncio. Perdendo a paciência, o oficial tomou o apagador e anulou o que lhe parecia anotado sem razão. Sílvia pegou o giz e tornou a anotar o número. Excitado pelo vinho, pelo jogo e pelo riso dos companheiros, o outro considerou-se profundamente ofendido, e agarrando, num acesso de furor, um castiçal de cobre que estava sobre a mesa, atirou-o contra Sílvia, que mal teve tempo de se desviar do golpe. Ficamos perplexos. Sílvia ergueu-se, pálido de raiva, e disse, os olhos cintilando: “Queira sair, meu senhor, e agradeça a Deus que isso tenha acontecido em minha casa”.

Não duvidamos das conseqüências, e já considerávamos o nosso novo colega um cadáver. O oficial saiu, dizendo que estava disposto a responder à ofensa da maneira que aprovasse ao senhor banqueiro. O jogo continuou mais alguns minutos; sentindo, porém, que o dono da casa tinha mais em que pensar, fomos saindo um a um, e nos dirigimos para os nossos alojamentos, comentando a próxima baixa.

No dia seguinte, no picadeiro, perguntávamos um ao outro se o pobre tenente ainda estava vivo, quando ele apareceu em pessoa; fizemos-lhe a mesma pergunta. Respondeu-nos que ainda não tivera qualquer notícia de Sílvia. Isto nos surpreendeu. Fomos à casa de Sílvia e encontramos-lo no pátio, acertando uma bala em cima da outra, num ás pregado ao portão. Recebeu-nos como de costume, sem dizer palavra sobre a ocorrência da véspera. Passaram-se três dias, e o te-

nente ainda vivia. Perguntávamos surpreendidos: será possível que Sílvio não lute? Mas Sílvio realmente não provocou um duelo. Contentou-se com uma explicação muito ligeira e fez as pazes.

Isto chegou a prejudicá-lo extraordinariamente na opinião dos moços. Gente moça desculpa menos que tudo a falta de coragem e vê geralmente nesta última o supra-sumo da dignidade humana, bem como a escusa para os vícios mais diversos. No entanto, aos poucos, tudo foi esquecido, e Sílvio tornou a exercer a primitiva influência.

Somente eu não conseguia reaproximar-me dele. Dotado de uma imaginação romântica, estivera antes disso, num grau maior que os demais, ligado a esse homem, cuja vida era um enigma e que me parecia herói de alguma novela misteriosa. Ele gostava de mim; pelo menos, eu era o único em cuja companhia ele deixava a habitual linguagem ríspida e sarcástica, para falar sobre diferentes assuntos, de modo simples e extremamente agradável. Mas, depois daquela infeliz noite, a idéia de que a sua honra tinha sido manchada e, por sua própria vontade, não fora desagravada, essa idéia não me deixava e impedia-me de tratá-lo como antes, envergonhava-me de olhar para ele. Sílvio era muito inteligente e experimentado para não o perceber e não adivinhar o motivo da minha atitude. Parece que isto o entristecia; pelo menos, notei nele umas duas vezes um desejo de se explicar comigo; mas eu evitava essas oportunidades, e Sílvio afastou-se de mim. Depois disso, eu só me encontrava com ele na presença de colegas, e as nossas conversas francas tiveram fim.

Os distraídos habitantes da capital não têm a menor idéia sobre muitas emoções tão conhecidas dos habitantes de aldeias ou cidadezinhas do interior, como por exemplo, a espera do dia do correio: às terças e sextas, a casa das ordens do regimento ficava repleta de oficiais. Uns esperavam dinheiro, outros cartas ou jornais. Geralmente, os envelopes eram abertos ali mesmo, as notícias comunicavam-se aos compa-

nheiros, e a casa das ordens apresentava o mais animado dos quadros. Sílvio recebia cartas endereçadas para o nosso regimento e costumava estar ali nessas ocasiões. Certa vez, entregaram-lhe um envelope, cujo lacre ele arrancou, com uma expressão de impaciência extrema. Enquanto lia rapidamente a carta, os seus olhos faiscavam. Os oficiais, ocupados com as suas próprias cartas, não perceberam nada. “Senhores — disse-lhes Sílvio —, as circunstâncias obrigam-me a ausentarme imediatamente; partirei esta noite mesmo; espero que não se recusem a jantar comigo pela última vez. Espero o senhor também — prosseguiu, dirigindo-se a mim —, espero-o sem falta.” Dito isso, saiu precipitadamente; quanto a nós, combinada a reunião em casa de Sílvio, dispersamo-nos.

Cheguei à sua casa à hora marcada, e encontrei lá quase todo o regimento. As suas coisas já estavam prontas para a mudança, restavam apenas as paredes nuas, picotadas de balas. Sentamo-nos à mesa; o dono da casa estava muito bem humorado e, em pouco tempo, a sua alegre disposição comunicou-se a todos; rolhas espoucavam a cada momento, a bebida espumava sem cessar, e nós nos aplicávamos em de-sejar ao que partia uma boa viagem e todas as felicidades possíveis. Era noite alta quando nos erguemos da mesa. Na hora de apanhar os quepes, Sílvio, ao despedir-se de todos, tomou-me o braço e me deteve no momento em que me preparava para sair. “Preciso falar contigo” — disse em voz baixa. Fiquei.

Os convidados se foram; ficamos a sós, sentamo-nos frente a frente e acendemos em silêncio os nossos cachimbos. Sílvio estava preocupado; não lhe ficara um vestígio sequer da sua alegria convulsiva. Uma palidez soturna, os olhos cintilantes e a fumaça densa, que lhe saía da boca, davam-lhe um ar verdadeiramente diabólico. Decorreram alguns instantes, e Sílvio rompeu o silêncio.

— É possível que não nos vejamos nunca mais — disse-me ele. — Antes da separação, quero explicar-me contigo.

Podes ter notado que eu respeito pouco a opinião alheia. Mas eu gosto de ti e sinto que seria aflitivo para mim deixar em teu espírito uma impressão injusta.

Fez uma pausa e começou a encher o cachimbo; eu me mantinha calado, os olhos baixos.

— Estranhaste — prosseguiu ele — que eu não tivesse exigido satisfações desse bêbado estouvado que é R... Deve convir comigo que, tendo eu o direito de escolher a arma, a vida dele estava em minhas mãos e a minha quase segura; poderia atribuir a minha moderação exclusivamente à generosidade, mas não quero mentir. Se eu pudesse castigar R... sem arriscar a vida, não lhe teria perdoado aquilo de modo algum.

Olhei estupefato para Sílvio. Tal confissão deixou-me completamente confuso. Ele prosseguiu.

— Exatamente: eu não tenho o direito de me arriscar a morrer. Seis anos atrás, recebi uma bofetada, e meu inimigo ainda está vivo.

Minha curiosidade ficou fortemente espicaçada.

— Não lutaste com ele? — perguntei. — As circunstâncias naturalmente os separaram.

— Lutei com ele — respondeu Sílvio — e eis a relíquia do nosso duelo.

Levantou-se e tirou de uma caixa de papelão um chapéu vermelho, com um pompom dourado e um galão (aquilo que os franceses chamam *bonnet de police*); colocou sobre a cabeça: estava traspassado a um *vierchók*⁴ da testa.

— Sabes — prosseguiu Sílvio — que eu servi no regimento hussardo de... Já conheces o meu gênio: estou acostumado a ser o primeiro em tudo, e, quando moço, isso constituía verdadeira paixão. No nosso tempo, a turbulência estava em moda, e eu era o maior turbulento do exército. Nós nos vangloriávamos da bebedeira, e eu bebia mais que o glorio-

⁴ Medida russa correspondente a 4,4 cm.

so Burtzów, cantado por Dienis Davidov.⁵ Os duelos sucediam-se em nosso regimento; em todos eles, eu era testemunha ou participante. Os companheiros adoravam-me, e os comandantes do regimento, freqüentemente substituídos, consideravam-me um mal necessário.

Eu me deliciava calma (ou, melhor, inquietamente) com a minha glória, quando veio para a nossa unidade um jovem de uma família rica e ilustre (não quero dizer o seu nome). Eu nunca encontrara tamanho felizardo! Imagine a mocidade, a inteligência, a beleza, a mais desenfreada alegria, o maior despreendimento e coragem, um nome famoso, o dinheiro, cuja conta não conhecia, e que nunca acabava, e imagine que papel devia desempenhar em nosso meio. A minha primazia perigou. Encantado com a minha fama, começou a procurar a minha amizade; mas eu o recebi com frieza, e ele afastou-se de mim, sem lamentá-lo nem um pouco. Passei a odiá-lo. Os seus êxitos no regimento e com as mulheres deixavam-me completamente desesperado. Comecei a procurar um pretexto de briga; ele respondia aos meus epigramas com outros, que me pareciam sempre mais originais e espirituosos que os meus, e que eram naturalmente muito mais alegres; ele estava gracejando, enquanto eu expressava o meu rancor. Afinal, certa vez, num baile em casa de um senhor de terras polaco, vendo-o objeto da atenção de todas as senhoras e, sobretudo, da própria dona da casa, com quem eu mantinha ligação amorosa, disse-lhe ao ouvido alguma grosseria baixa. Ele ficou vermelho e me deu uma bofetada. Corremos a apanhar os sabres; havia senhoras desmaiando; fomos apartados e, naquela madrugada mesmo, dirigimo-nos para o local do duelo.

Isto foi ao amanhecer. Fiquei no lugar marcado, com os meus três padrinhos. Esperava o meu opositor com uma impaciência indescritível. Um sol de primavera já se levantara, e começava a fazer calor. Eu o vi de longe. Vinha a pé, a tú-

⁵ D. V. Davidov (1784-1839).

nica pendurada no sabre, acompanhado de um padrinho. Fomos ao seu encontro. Ele se aproximava, segurando o quepe cheio de cerejas. Os padrinhos mediram doze passos. Eu devia atirar primeiro; mas o rancor tumultuava em mim com tal intensidade que eu não confiava mais na firmeza da minha mão, e, para me dar tempo de esfriar, cedi o primeiro tiro; o meu adversário não concordou. Resolveu-se tirar a sorte: o primeiro tiro coube a ele, eterno favorito da fortuna. Fez pontaria e traspassou o meu quepe. Era a minha vez. A vida dele finalmente em minhas mãos; olhei-o com avidez, procurando surpreender uma sombra de inquietação ao menos... Ele estava sob a mira da minha pistola, escolhendo dentro do quepe cerejas maduras e cuspiendo fora os caroços, que chegavam até onde eu estava. A sua indiferença me enfureceu. O que adianta, pensei, privá-lo da vida, se ele não lhe dá nenhum valor? Um pensamento perverso perpassou-me na mente. Baixei a pistola.

“Ao que parece, o senhor tem agora mais que fazer do que pensar na morte — disse eu. Está fazendo uma refeição e não quero estorvá-lo.” — “O senhor não me estorva em nada — replicou ele. — Queira atirar, ou, melhor, faça como quiser; tem direito a um tiro, e eu estarei sempre à sua disposição.” Dirigi-me aos padrinhos, declarando que não pretendia mais atirar naquele dia, e assim terminou o duelo.

Fui reformado e vim para este lugarejo. Desde então, não passou um dia sequer em que eu não pensasse na vingança. E eis que chegou a minha hora...

Tirou do bolso e deu-me para ler a carta que recebera naquela manhã. Alguém (devia ser o seu procurador) escrevia-lhe de Moscou que *determinado indivíduo* estava para contrair matrimônio legítimo com uma jovem encantadora.

— O senhor adivinha naturalmente — disse Sílvio — quem é esse *determinado indivíduo*. Vou a Moscou. Veremos se ele aceitará a morte antes do casamento com a mesma indiferença com que a esperou com as suas cerejas!

Dito isso, Sílvio levantou-se, atirou ao chão o quepe e pôs-se a andar pelo quarto, como um tigre na jaula. Eu o escutava imóvel, inquietavam-me sentimentos estranhos e contraditórios.

O criado entrou, dizendo que os cavalos estavam prontos. Sílvio apertou-me com força a mão; beijamo-nos. Sentou-se na pequena telega onde estavam duas malas, uma das quais com as pistolas, a outra com a bagagem. Despedimo-nos mais uma vez, e os cavalos partiram a galope.

II

Passaram alguns anos e certas circunstâncias de família obrigaram-me a instalar-me numa pobre aldeola do distrito de N... Ocupando-me com as coisas domésticas, eu não cessava de suspirar baixinho pela minha vida anterior, bulhenta e sem cuidados. O mais difícil para mim era passar as noites de primavera e inverno em absoluta solidão. Até o jantar, eu ainda conseguia gastar o tempo, conversando com o estároste da aldeola, percorrendo os campos ou visitando estabelecimentos novos; mas, apenas começava a escurecer, eu não sabia o que fazer de mim. Decorei os poucos livros que encontrei debaixo dos armários e na despensa. A despenseira Kirílovna repetiu para mim todos os contos que podia lembrar; as canções das mulheres da aldeia deixavam-me angustiado. Ataquei a *nalivka*,⁶ ainda sem açúcar, mas ela me dava dor de cabeça; e ainda confesso que tive medo de me tornar borracho por desgosto, isto é, o borracho mais borracho, conforme inúmeros exemplos que vi em nosso distrito. Não tinha vizinhos próximos, a não ser dois ou três desses bêbados, cuja palestra consistia principalmente em soluços e suspiros. A solidão era mais suportável.

⁶ Licor caseiro, geralmente de ginja.

A quatro verstas, ficava a rica propriedade da condessa B..., mas nela vivia somente o administrador; a condessa visitara a propriedade apenas uma vez, no primeiro ano de casada, e assim mesmo passara ali um mês, não mais. No entanto, na segunda primavera de meu isolamento, espalhou-se o boato de que a condessa e o marido viriam passar o verão em sua aldeia. E realmente chegaram nos primeiros dias de junho.

A chegada de um vizinho rico marca época na vida dos habitantes de uma aldeia. Os proprietários e os seus servos comentam a notícia uns dois meses antes e até três anos depois. Quanto a mim, confesso que a vinda de uma vizinha jovem e encantadora causou-me grande emoção; eu ardia em impaciência de vê-la e, por isto, no primeiro domingo da sua chegada, fui depois do jantar à aldeia de..., a fim de me recomendar a Suas Altezas, como vizinho próximo e servidor fidelíssimo.

O laçao fez-me entrar no gabinete do conde e foi anunciar a minha chegada. O amplo gabinete estava mobiliado com muito luxo; junto às paredes, havia armários de livros, com um busto de bronze em cima de cada; um largo espelho estava suspenso sobre a lareira de mármore; o chão era forrado com pano verde e coberto de tapetes. Tendo perdido em meu pobre vilarejo o hábito do luxo, e havendo passado muito tempo sem ver riquezas alheias, fiquei intimidado e esperei o conde com certo tremor, como um solicitante provinciano espera a saída do ministro. Abriu-se a porta e entrou um homem de uns trinta e dois anos, com uma bela aparência. O conde aproximou-se de mim, com ar franco e amistososo; esforçava-me por criar ânimo, e comecei a recomendar-me, porém ele me deteve. Sentamo-nos. A conversa, fluente e amável, dissipou logo a minha timidez, que se tornara selvagem; eu já estava começando a voltar à disposição de ânimo habitual, quando de repente entrou a condessa, e a timidez tomou conta de mim, ainda mais intensa. Realmente, era

uma linda mulher. O conde me apresentou; eu queria parecer desembaraçado, mas quanto mais me esforçava por adquirir um ar de naturalidade, mais encabulado me sentia. Para me dar tempo de voltar a mim e habituar-me aos novos conhecidos, eles começaram a conversar entre si, tratando-me como um bom vizinho e sem qualquer cerimônia. No entanto, pus-me a andar pelo gabinete, examinando livros e quadros. Não sou entendedor de quadros, mas um deles atraiu-me a atenção. Representava uma vista da Suíça; o que me surpreendeu, no entanto, não foi a beleza da pintura, e sim o fato de ter sido o quadro traspassado com duas balas, cravadas uma em cima da outra.

— Eis um bom tiro — disse eu, dirigindo-me ao conde.

— Sim — respondeu ele —, um tiro admirável. E o senhor, atira bem?

— Regular — respondi, alegrando-me com o fato de que a conversa tinha finalmente por objeto um assunto que eu conhecia. — A trinta passos, não deixarei de acertar numa carta de baralho, isto com uma pistola conhecida, é claro.

— Realmente? — disse a condessa, com uma expressão de grande interesse. — E tu, meu bem, acertarias numa carta, a trinta passos?

— Algum dia — respondeu o conde — vamos experimentar. Em meu tempo, atirava regularmente; mas há quatro anos não seguro uma pistola.

— Oh! — observei. — Neste caso, aposto a cabeça em como Vossa Alteza não vai acertar numa carta, nem a vinte passos: o tiro de pistola requer exercícios diários. Isto eu sei por experiência própria. Em nosso regimento, eu era considerado um dos primeiros atiradores. Certa vez, aconteceu-me passar um mês inteiro sem segurar uma pistola, pois as minhas estavam em conserto; pois bem, o que pensa Vossa Alteza? Na primeira vez em que atirei falhei quatro vezes seguidas, fazendo pontaria sobre uma garrafa, a vinte e cinco passos. Tínhamos um capitão espirituoso e brincalhão; ele

me disse: “É que, irmão, não te atreves a maltratar a garrafa”. Não, Vossa Alteza, não se pode desprezar o exercício, senão se acaba perdendo de uma vez o hábito. O melhor atirador que me aconteceu encontrar, dava pelo menos três tiros antes do jantar. Era um hábito consagrado, como um cálice de vodca.

O conde e a condessa estavam satisfeitos porque eu me desembaraçara.

— E como atirava ele? — perguntou-me o conde.

— Eis como, Vossa Alteza: via às vezes uma mosca pousada na parede... A senhora está rindo, condessa? Juro por Deus que é verdade. Acontecia-lhe ver a mosca, e logo gritava: “Kuzka,⁷ minha pistola!”. Kuzka levava para ele a pistola armada. E — bumba — a mosca ficava pregada na parede!

— É espantoso! — disse o conde. — E como se chamava ele?

— Sílvio, Vossa Alteza.

— Sílvio! — exclamou o conde, erguendo-se de um pulo. — O senhor conheceu Sílvio?

— Como não o conhecer, Alteza? Fomos amigos, ele era recebido em nosso regimento como irmão e companheiro; mas há cinco anos já que não tenho dele qualquer notícia. Quer dizer que Vossa Alteza o conheceu também?

— Conheci, e muito bem. Ele não lhe contou acaso... mas não; não creio; não lhe contou uma ocorrência muito estranha?

— Não será, Alteza, aquela bofetada que ele recebeu no baile, de não sei que maroto?

— E ele não disse ao senhor o nome desse maroto?

— Não, Vossa Alteza, não disse... Ah, Vossa Alteza! — prossegui, adivinhando a verdade. — Perdão... eu não sabia... Não foi o senhor?...

⁷ Diminutivo de Kozmá.

— Eu mesmo — respondeu o conde, com expressão muito aborrecida —, e o quadro traspassado com bala é uma relíquia do nosso último encontro...

— Ah, querido — disse a condessa —, pelo amor de Deus, não contes a história, que eu me assusto só de ouvi-la.

— Não, replicou o conde — vou contar tudo; ele sabe como eu ofendi o seu amigo, que saiba também de que modo Sílvio se vingou de mim.

O conde me ofereceu uma poltrona e eu ouvi com o mais vivo interesse o seguinte relato.

“Casei-me há cinco anos. Passei o primeiro mês, *the honeymoon*, aqui nesta aldeia. Devo a esta casa os melhores momentos da minha vida e uma das recordações mais penosas.

Uma vez, passeávamos os dois a cavalo, à noitinha; o animal em que ia minha mulher começou a mostrar-se caprichoso; ela se assustou, deu-me as rédeas e caminhou para casa; fui na frente. No pátio, vi uma telega de estrada; disseram-me que em meu gabinete estava um homem que não quisera dar o nome e dissera apenas que precisava falar comigo. Entrei nesta mesma sala e vi no escuro um homem coberto de poeira e de barba crescida; estava aqui, em pé junto à lareira. Aproximei-me dele, procurando lembrar-me das suas feições. ‘Não me reconheces, conde?’ — perguntou ele, a voz trêmula. ‘Sílvio!’ — gritei, e confesso que senti os meus cabelos de repente se eriçarem. ‘Exatamente — prosseguiu ele —, tenho direito a um tiro; vim para descarregar a minha pistola; estás pronto?’ A pistola saía-lhe de um bolso lateral. Medí doze passos, e me coloquei naquele canto, pedindo-lhe que atirasse o mais depressa possível, enquanto minha mulher não voltava. Ele se demorou. Pediu luz. Trouxeram velas. Tranquei a porta, disse que ninguém entrasse e lhe pedi novamente para atirar. Ele tirou a pistola e fez pontaria... Eu contava os segundos... pensava nela... Decorreram uns instantes terríveis! Sílvio baixou o braço. ‘Lamento — disse ele — que a pistola não esteja carregada com caroços de cereja... a

bala é pesada. Tenho a impressão de que isso não é um duelo, mas um homicídio; não estou acostumado a fazer pontaria sobre um homem inerte. Vamos começar de novo; tiremos a sorte, para ver quem deve atirar primeiro.' A cabeça ia-me em roda... Parece que protestei... Finalmente, armamos mais uma pistola; enrolamos dois papezinhos. Ele os colocou no quepe atravessado outrora pela minha bala; tirei mais uma vez o primeiro número. 'Tens uma sorte infernal, conde' — disse-me com um sorriso que nunca hei de esquecer. 'Não compreendo o que se passava comigo, e de que modo ele me forçou a isso... mas eu atirei e acertei nesse quadro.' (O conde apontou com o dedo o quadro traspassado a bala; tinha o rosto em fogo; a condessa estava mais pálida que seu lenço. Não pude evitar uma exclamação.)

Atirei — prosseguiu o conde — e, graças a Deus, falhei; então Sílvio... (nesse momento, ele tinha um aspecto realmente terrível) começou a fazer pontaria em mim. De repente, a porta se abriu. Macha entrou correndo e se atirou chorando ao meu pescoço. A presença dela me devolveu o ânimo. 'Querida — disse-lhe eu —, não estás vendo que é uma brincadeira? Como te assustaste! Vai tomar um copo d'água e volta para cá; vou apresentar-te um velho amigo e companheiro.'

Macha não se convencia. 'Diga-me se o meu marido está contando a verdade — perguntou, dirigindo-se ao terrível Sílvio. — É verdade que estão brincando?' — 'Ele está sempre brincando, condessa — respondeu ele. — Certa vez, ele me deu uma bofetada por brincadeira, atravessou-me com uma bala este quepe, também por brincadeira, atirou ainda agora e não acertou em mim, sempre por brincadeira; agora me deu também na telha de brincar um pouco...' Dito isso, quis fazer pontaria em mim... na presença dela! Macha atirou-se aos seus pés. 'Levanta-te, Macha, que vergonha! — gritei furioso. — E o senhor não vai deixar de escarnecer essa pobre mulher? Atira ou não?' — 'Não atiro — respondeu Sílvio. — Estou satisfeito; vi o teu estado de confusão, o teu me-

do; obriguei-te a atirar em mim, isso me basta. Vais lembrar-te de mim. Entrego-te à tua consciência.’ Ia já saindo, mas de repente parou no umbral da porta, olhou para o quadro que eu traspassara com uma bala, atirou nele quase sem mirar e sumiu. Minha mulher estava desmaiada; os meus homens não se atreveram a detê-lo, e olhavam-no horrorizados; saiu para o patamar da escada, chamou o cocheiro e foi-se, antes que eu tivesse tempo de vir a mim.”

O conde se calou. Desse modo, conheci o final do romance, cujo princípio me deixara outrora tão impressionado. Nunca mais me encontrei com o seu herói. Dizem que, durante a revolta de Alexandre Ipsilânti, Sílvio chefiava um destacamento de heteristas⁸ e que perto de Skuliâni⁹ foi morto em combate.

⁸ De *Hetairia*, sociedade que visava a Independência grega. Ver à p. 221 a nota 3.

⁹ Batalha entre gregos e turcos em 17 de junho de 1821.